

A interpretação de trocadilhos por sujeitos com a Doença de Alzheimer em estágio inicial

Nathália Luiz de Freitas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais

Poços de Caldas - MG

Resumo: As estruturas linguísticas não significam, fornecem pistas rumo aos sentidos. A partir de suas experiências sociocomunicativas, o sujeito interpretante lança mão de mecanismos e estratégias mentais para reconstruir o que o sujeito comunicante tencionou expressar. O indivíduo busca alcançar a relevância em um insumo com o menor esforço e os maiores efeitos cognitivos possíveis, o que, contudo, muitas vezes não é atingido. O comprometimento cognitivo figura como uma das causas patológicas responsáveis pelas dificuldades para o alcance da relevância na comunicação. Pessoas acometidas pela Doença de Alzheimer (DA), que têm os déficits cognitivos como característica fundamental, sofrem declínios representativos no processamento da linguagem que, no estágio inicial da patologia, tem como principal característica os déficits pragmáticos. Assim, e considerando a representatividade da DA para a saúde pública, objetiva-se investigar, com base na Teoria da Relevância e Teoria da Integração Conceitual, os fatores linguísticos e sociocognitivos envolvidos na interpretação de dois trocadilhos por sujeitos diagnosticados com a DA em estágio inicial. Para tanto, foram formados dois grupos: i) Grupo clínico – composto por sujeitos diagnosticados com a DA em estágio inicial; ii) Grupo controle – formado por indivíduos sem identificação de alterações cognitivas. Em seguida, os sujeitos foram submetidos ao Protocolo de textos humorísticos. Verifica-se que, quando comparados, os sujeitos do grupo clínico apresentaram desempenho significativamente inferior ao do grupo controle, de forma que os indivíduos diagnosticados com a DA foram capazes de reconstruir totalmente o percurso humorístico de um trocadilho. Ademais, as tentativas interpretativas desses sujeitos são extremamente dependentes de pistas fornecidas durante os processos dialógicos. Acredita-se que um dos impedimentos para a interpretação dos trocadilhos pelos sujeitos com DA seja o déficit na memória de trabalho que dificulta a mobilização de espaços mentais durante a formulação de suposições.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer. Interpretação de Trocadilhos. Sociocognição.

Abstract: Linguistic structures do not mean, provide clues towards the senses. Based on their socio-communicative experiences, the subject-interpretant makes use of mental mechanisms and strategies to rebuild what the subject-communicator intended to express. The subject seeks to achieve the relevance of an input with the least effort and the greatest possible cognitive effects, which, however, it is not often achieved. Cognitive impairment represents one of the pathological causes responsible for difficulties to achieve relevance in communication. People affected by Alzheimer's disease (AD), who have cognitive deficits as a core feature, suffer representative declines in language processing which, in the early stage of the disease, has as main feature the pragmatic deficits. Therefore, considering the representativeness of the DA for the public healthcare this study aims to investigate, based on the Relevance Theory and the Conceptual Integration Theory, the linguistic and socio-cognitive factors involved in the interpretation of puns by two subjects diagnosed with AD at an early stage. For this purpose, two groups were formed: i) Clinical Group - composed of individuals diagnosed with AD at an early stage; ii) Control group - formed by individuals without identification of cognitive changes. Then the subjects were submitted to the Protocol of humorous texts. The results show that when compared, the subjects of the clinical group showed significantly lower performance than the control group, so as the subjects diagnosed with AD were able to fully reconstruct the path of a humorous pun. Moreover, the interpretive efforts of these subjects are extremely dependent on cues provided during the dialogic processes. It is believed that one of the restrictions to the interpretation of puns by subjects with AD is the deficit in working memory that hinders the mobilization of mental spaces during the formulation of assumptions.

Keywords: Alzheimer's disease. Interpretation of Puns. Sociocognitive Perspectives.

Introdução

As estruturas linguísticas não significam, elas apenas fornecem pistas para que seja traçado o percurso rumo ao(s) significado(s), sendo que essa trajetória é de ordem sociocognitiva, pois, ao buscar atribuir sentido a uma intenção comunicativa, o sujeito interpretante lança mão de mecanismos e estratégias mentais, alicerçadas em suas experiências sociocomunicativas, para ser capaz de reconstruir o que o sujeito comunicante tencionou expressar/comunicar. É importante ressaltar que, dependendo de o que

se pretende comunicar e de como se realiza a tentativa de comunicação, ter-se-ão processamentos sociocognitivos específicos. Isso significa que os mecanismos e as estratégias mentais de que o sujeito que interpreta uma elocução faz uso para construir sentido dependerá do quão aparente as intenções comunicativas estão na estrutura linguística e da relevância bem como suficiência das pistas semântico-pragmáticas presentes nas expressões da língua. Aliado a isso está a imprescindibilidade de as representações de mundo, instância sociocognitiva, sobre fatos, sujeitos, objetos, circunstâncias etc., que o sujeito interpretante possui terem alguma consonância com as representações de mundo inicialmente expressas na estrutura linguística pelo indivíduo que tenta se comunicar.

Disso resulta que gêneros discursivos caracterizados pela escassa presença de indícios que podem conduzir a construções de sentido, isto é, textos cujas características linguísticas propiciam poucas pistas para o processamento informacional, demandam um processamento sociocognitivo mais complexo e dependente das representações de mundo e das conexões que elas estabelecem entre si. Exemplos de tais gêneros são os que pertencem ao domínio humorístico, como, por exemplo, as piadas, os trocadilhos, as charges, as histórias em quadrinho e os *cartoons*, já que, para atribuir sentido a eles, o sujeito interpretante conta com poucas pistas linguísticas, necessitando, então, recorrer ao contexto extralinguístico, depende da ativação do processamento sociocognitivo que aciona diferentes representações de mundo, com a finalidade de associar os indícios fornecidos pela língua àqueles produzidos pelas interconexões das diferentes representações sociocognitivas. (Referências)

Sendo a linguagem um processo complexo e tributário de diferentes componentes da vida humana – biológico, cognitivo, social, cultural etc. –, os processos de produção e de interpretação comunicacional consistem no produto da relação entre essas esferas humanas, de forma que a alteração do funcionamento de alguma delas pode provocar déficits linguísticos, entre os quais estão as dificuldades ou impedimentos para atribuir sentido à comunicação. Nessa perspectiva, há déficits biológico-cognitivos específicos à linguagem, tal como a afasia, que consiste na “[...] perda ou perturbação da linguagem causada por lesão cerebral.” (BENSON; ARDILA, 1996, p. 3) e outros cuja etiologia não é uma disfunção própria dos componentes biológico-cognitivos que subjazem à linguagem,

mas provoca algum tipo de alteração no processamento sociocognitivo linguístico, a exemplo do que ocorre na Doença de Alzheimer, condição estudada na presente pesquisa.

A Doença de Alzheimer (DA) é caracterizada por prejuízo irreversível da memória e por alterações cognitivas e comportamentais que interferem nas práticas sociais cotidianas. Assim, além do déficit mnêmico causado por sua etiologia – maciça perda sináptica e morte neuronal em regiões cerebrais responsáveis pelas funções cognitivas: córtex cerebral, hipocampo, córtex entorrinal e córtex estriado ventral (SERENIKI; VITAL, 2008), a DA provoca perturbações em outras esferas da cognição humana, tais como linguagem, raciocínio e atenção. Segundo Morato (2008), na área neurocognitiva, reconhecem-se três fases de evolução da doença: a forma leve, quando os problemas de memória são constantes – especialmente da memória de trabalho; a forma moderada, em que os problemas *mnésicos* já chegam a ser incapacitantes, com desorientação têmporo-espacial e linguística (nessa fase, os problemas de linguagem, ainda não claramente observáveis na fase anterior, passariam a ser frequentes e prontamente perceptíveis. Somados a eles, os problemas práxicos e gnósicos configurariam o que é chamado por muitos autores de síndrome afásico-aprático-agnósica); e a forma severa, na qual a memória se encontra gravemente alterada e a linguagem apresenta-se sensivelmente comprometida.

O comprometimento da linguagem na DA ocorre nos três estágios da neurodegenerescência, traduzindo-se, na forma leve, por alterações nos aspectos semântico-lexicais-pragmáticos, na forma moderada, por alterações fonológicas, sintáticas e morfológicas, e, na forma severa, por prejuízo em todas as habilidades linguísticas, levando o sujeito, muitas vezes, ao mutismo (MORATO, 2008). A DA afeta consideravelmente a linguagem, uma vez que, juntamente com os domínios semânticos, lexicais, pragmáticos, fonológicos, sintáticos e morfológicos, ela interfere nas práticas sociais cotidianas do indivíduo, fatores que levam à suposição de que, em alguma medida, o processo sociocognitivo de interpretação comunicativa sofre prejuízos. Quando observada apenas em seu estágio inicial, é possível inferir que há alterações na habilidade do sujeito acometido para interpretar elocuições, principalmente as que demandam a formulação de inferências, mecanismo que, por seu turno, depende das relações entre as representações de mundo que o indivíduo possui. Isso

porque, a fase inicial da DA caracteriza-se pela relativa preservação dos aspectos fonológico-sintáticos e por alterações nos semântico-lexicais-pragmáticos, de forma a predominarem dificuldades para a realização de inferências linguísticas e cognitivas quando se busca a compreensão do significado de textos, bem como sua expressão (MANSUR *et. al.*, 2005).

Perante tal quadro, o texto humorístico constitui-se em potencial instrumento na busca pela compreensão de como os sujeitos com a Doença de Alzheimer, em estágio inicial, interpretam elocuições que exigem eficiência pragmática, pois, conforme já indicado, gêneros como o trocadilho fornecem escassas pistas linguísticas para o processamento informacional, do que advém a necessidade de um processamento sociocognitivo mais elaborado e ancorado nas representações de mundo do sujeito e das conexões que elas estabelecem entre si. Os textos humorísticos têm servido de base para a compreensão de variados aspectos ou fenômenos psicossocioculturais, sendo, por isso, objeto de estudo de diversas áreas do saber. Possenti (1998) ressalta a natureza heterogênea desses textos, ao afirmar que podem ser considerados interessante expediente para os estudiosos, uma vez que praticamente todos eles abordam temas socialmente controversos, de modo a possibilitarem o reconhecimento/confirmação de diversas manifestações culturais e ideológicas, bem como de valores arraigados.

Objetivos

Investigar, a partir de uma perspectiva sociocognitiva, informada pela Teoria da Relevância e pela Teoria da Integração Conceitual, os fatores linguísticos e sociocognitivos envolvidos na interpretação de dois trocadilhos por sujeitos diagnosticados com a Doença de Alzheimer em estágio inicial.

Metodologia

Após aprovação do projeto, em que consta o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE –, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP – passou-se à composição da amostra, que foi responsável pela interpretação dos dois trocadilhos.

Foram formados dois grupos para a composição da amostra: o Grupo Controle, composto por 5 sujeitos com inteligência normal, ou seja, dentro da média para a faixa etária e escolaridade e sem comprometimento cognitivo causado pela DA ou por outra patologia; e o Grupo Clínico,

composto por 5 indivíduos, diagnosticado com DA em estágio inicial. Considerou-se como variáveis controladas, neste estudo, a escolaridade, o gênero, a idade e o perfil socioeconômico, de modo que os sujeitos dos grupos em questão foram pareados em conformidade com tais fatores.

A amostra foi composta a partir do universo populacional de idosos, com idade igual ou superior a sessenta anos, do município de Poços de Caldas, sul de MG. Aos participantes da pesquisa foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que assegura o anonimato do sujeito voluntário e explicita o caráter da manipulação e do uso dos seus dados no contexto acadêmico. Participaram do estudo somente os indivíduos que consentiram, por meio da entrega do TCLE devidamente lido e assinado por ele ou seu responsável. Os sujeitos que compõem o Grupo Clínico foram recrutados na Associação Brasileira de Alzheimer – ABRAz – sub-região Poços de Caldas. Tal entidade realiza reuniões mensais entre familiares e sujeitos diagnosticados com DA, que são conduzidas por um médico geriátrico cuja especialização é a reabilitação na Doença de Alzheimer.

Os dados foram coletados em duas sessões com cerca de duas horas de duração cada. Considerando que as condições de saúde podem variar entre os idosos, o local em que a coleta foi realizada dependeu da disponibilidade dos sujeitos, e feita nas próprias casas dos participantes do estudo. Nessas sessões, além das informações coletadas quanto à interpretação humorística, foram obtidos dados referentes à faixa-etária e à escolaridade. Cumpre ressaltar, entretanto, que as sessões ocorreram em lugar confortável, silencioso e privado. A existência de outra pessoa que não o investigador e o sujeito ficou a critério deste.

Os trocadilhos utilizados na pesquisa em pauta fazem parte do Protocolo de Estudo de Piadas desenvolvido e utilizado por Donzeli (2008) em sua dissertação de mestrado, que abordou a interpretação de piadas por sujeitos afásicos. O Protocolo é composto por sete textos humorísticos, bem como, por uma grade de interpretação. Conforme realizado por Donzeli (2008), os trocadilhos foram apresentados aos participantes do estudo durante sessão individual (ou com a participação de acompanhante, quando requerido pelo sujeito), então gravada para posterior transcrição. Após a apresentação de cada trocadilho pelo pesquisador, foi solicitado ao participante que o comentasse e explicasse os efeitos de humor ou outros sentidos nele veiculados.

Tendo em vista a natureza do presente estudo, faz-se necessário ressaltar a importância do papel do *performer*, uma vez que, para que os sujeitos da pesquisa entendam os trocadilhos ou percebam suas propriedades, é fundamental o ato performativo do contador. Segundo Donzeli (2008), “[...] o contador de piadas [e, por extensão, de trocadilhos] deve saber usar, por exemplo, a entonação correta, a pausa, ou o sotaque, para que a piada seja compreendida pelo ouvinte.” (p. 38). Uma vez gravados, tais episódios dialógicos foram transcritos e, quando necessário, editados para a apresentação, análise e discussão.

A metodologia de análise dos dados é composta do que se chama de método qualitativo. Foram analisadas as explicações de trocadilhos fornecidas pelos sujeitos com base nos preceitos da Teoria da Relevância, na Teoria da Integração Conceitual e nas categorias estabelecidas por Donzeli (2008) para níveis linguísticos (fonético-morfológico, morfo-fonológico, lexical, sintático, pragmático, semântico e semântico-sintático) mais acionados na interpretação chistosa. Os trocadilhos utilizados como instrumento de investigação, aqui ativam especialmente os níveis fonético-morfológico, morfo-fonológico.

Fundamentação teórica

Na concepção de Silva (2004), a abordagem sociocognitiva da linguagem considera que: i) o significado da forma linguística tem natureza enciclopédica e perspectivizada, já que ele sistematiza o conhecimento de mundo em concordância com a cultura e com a sociedade de que os falantes fazem parte, de modo que linguagem é conhecimento; ii) em termos filosóficos e epistemológicos, a Linguística Cognitiva é experientialista, uma vez que as pesquisas nela desenvolvidas ocorrem em contextos reais de uso, nos quais a língua está corporificada e encarnada no sujeito que dela faz uso para fins comunicativos e interacionais; e iii) a categorização do conhecimento que a linguagem efetua é o reflexo das experiências compartilhadas pelos e entre os indivíduos, nas mais diversificadas projeções e figurações da realidade vivenciada, desde as mais concretas até as mais abstratas, fato que possibilita a interpretação das construções linguísticas e, conseqüentemente, o funcionamento da comunicação.

No que se refere às teorias que utilizam a abordagem sociocognitiva da linguagem, tem-se como expoente significativo a Teoria da Integração

Conceitual (FAUCONNIER; TUNER, 2002). Baseada na Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), a Teoria da Integração Conceitual busca explicar o que acontece na mente humana durante o processamento cognitivo. Seus autores sugerem que o funcionamento do cérebro é ininterrupto, ocorrendo através de ativações cerebrais bastante intensas, as quais levam à construções mentais complexas que surgem à medida que o ser humano pensa, fala, age etc. De acordo com a teoria, esse mecanismo é uma capacidade humana peculiar, que possibilita a construção de conjuntos de memórias passíveis de serem ativadas sempre que necessário.

A Teoria da Integração Conceitual afirma que o ser humano foi capaz de desenvolver, frente aos demais animais, demasiada capacidade de inovar, através da imaginação, da proposição de identidade entre conceitos e de sua integração e, então, criar redes – modelos – de pensamento e de ação. A criação dessas redes refere-se a um conjunto de projeções de relações vitais como, por exemplo, tempo, espaço, causa e efeito, analogia, identidade e mudança. A fim de desenvolver tais redes, o indivíduo conecta espaços mentais e os relaciona a conhecimentos relativamente estáveis (conhecimentos prévios), armazenados na memória de longo prazo.

Espaços Mentais, por sua vez, consistem em ativações cerebrais que demandam a interrelação neuronal processada em espaço/tempo efêmeros, responsáveis pela estruturação de informações relevantes em um determinado momento. “Provavelmente nós os organizamos e os conectamos através de excitações sincrônicas de conjuntos de neurônios. Mas isso são suposições, uma vez que ninguém, na verdade, pode ver os espaços mentais no cérebro.” (FAUCONNIER *apud* COSCARELLI, 2005, p. 291-292). Os espaços mentais são, então, caracterizados como uma forma de abstração complexa – alicerçada em generalizações – que permitem a formulação de hipóteses acerca do pensamento, da linguagem e de outros aspectos da vida humana. Tais espaços seriam constituídos para atender a uma demanda específica, ao mesmo tempo em que seriam criados e desfeitos conforme determinadas exigências contextuais. De acordo com Fauconnier (*apud* COSCARELLI 2005):

Os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos. Nós os conectamos entre si e também os relacionamos a conhecimentos mais estáveis. Para isso, conhecimentos linguísticos e gramaticais fornecem muitas evidências para essas atividades mentais implícitas e para as conexões dos espaços mentais (p. 291).

Segundo essa proposta, o que caracteriza a espécie humana é a capacidade de associar diversos espaços mentais e, especialmente, a capacidade de constituir novos espaços – espaço mesclado – enquanto o sujeito realiza atividades cotidianas. Assim, o espaço mesclado consiste no resultado da combinação de, no mínimo, dois espaços mentais, a partir dos quais a mente imagina identidades e cria um terceiro espaço, através da integração dessas atividades. Conforme Fauconnier (1997), a mescla “[...] é um poderoso processo de construção de sentido *online*; é dinâmica, flexível e ativa no pensamento.”

Para que a mesclagem ocorra, é necessário que, pelo menos, quatro domínios sejam ativados: dois espaços mentais de origem, um espaço genérico e o domínio mescla, que abarcará traços dos demais domínios (FAUCONNIER, 1997). São exigidos esses componentes em razão de, segundo assente Salomão (1999), o princípio central da cognição humana corresponder à projeção entre domínios, do que advém o fracionamento, bem como transferência de informação, e processamento do sentido.

Os domínios são constituídos com base em agrupamentos de conhecimentos oriundos de experiências, estruturados e organizados, podendo ser classificados em domínios estáveis e em domínios locais (os espaços mentais). Os domínios estáveis consistem no legado da humanidade, haja vista que se referem às estruturas de memória pessoal ou social – esquemas e *frames* – evocados em operações de significação. São de três ordens: i) Modelos Cognitivos Idealizados: ideários construídos em sociedade e veiculados culturalmente, caracterizados por sua estabilidade como dimensões cognitivas identificáveis e evocáveis, bem como pela organização interna das informações que os compõem e pela flexibilidade de sua instanciação, de acordo com as necessidades locais manifestadas (SALOMÃO, 1999); ii) Molduras Comunicativas – os *frames* (molduras em que as experiências são encaixadas) mobilizados no evento, por meio dos quais é possível identificar a natureza das atividades comunicativas em curso; iii) Esquemas Genéricos – esquemas conceptuais de caráter abstrato, referentes a expectativas desencarnadas.

As projeções entre domínios, por seu turno, são responsáveis pela transferência de informações entre entidades do mesmo ou de outro domínio, o que expande a significação do primeiro para o segundo item, de forma a gerar novos significados. As projeções de conceitos realizadas entre

domínios têm caráter fundamental para o desenvolvimento da mesclagem (*blending*), um processo cognitivo que opera sobre dois espaços mentais com a finalidade de projetar sentidos em um terceiro espaço, o espaço mescla (FAUCONNIER; SWEETSER, 1996). Os significados projetados no espaço mescla (espaço transitório em que as informações advindas dos espaços mentais de origem são organizadas) são associados em novo contexto, havendo a permanência de aspectos dos significados originais e a incorporação de significações criadas. A mesclagem é o resultado do rearranjo entre as projeções feitas e a situação comunicativa em que elas acontecem. Nessa ótica, o domínio-mescla é um terceiro espaço específico constituído com base na associação entre dois espaços mentais, dos quais incorpora estruturas parciais, para que forme uma estrutura emergente autêntica que representará uma dimensão inédita.

Muitas são as perspectivas sobre a linguagem, de forma que, a depender do enfoque, serão privilegiados determinados aspectos e outros não. Um fator preponderante para a compreensão do processo sociocognitivo linguístico é a formulação de inferências. Em concordância com o que aponta Vanin (2010), embora a Teoria da Integração Conceitual explique minuciosamente a dinamicidade sociocognitiva responsável pela produção do sentido, seu escopo não aborda suficientemente a produção de inferências, o que impõe a necessidade de acrescer a tal perspectiva o arcabouço da Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), por meio da qual é possível descrever e explicar de que forma o processamento inferencial da informação ocorre, e como se dá a escolha das suposições, entre várias disponíveis, intentando chegar a uma interpretação provável sobre a intenção comunicativa do interlocutor. A Teoria da Relevância será apresentada no segundo tópico deste capítulo.

Tendo sido explicitada a concepção linguística do presente estudo, cumpre ilustrá-la a partir de um exemplo fornecido pelo próprio Fauconnier (1994, p.14) e apresentado por Guedes (2000, p.33). Com base nele, fica evidente que nem tudo está na forma linguística

O contexto é de uma babá emitindo a seguinte sentença para a criança de quem ela cuida: “Se eu fosse teu pai, eu te bateria.” São, no mínimo, três as interpretações possíveis para essa sentença, dependendo das informações extralinguísticas ativadas:

1. O pai é severo

A babá está dizendo que ela não vai bater na criança, mas que o pai, na mesma situação, teria batido no filho.

2. O pai é permissivo

Trata-se de uma crítica ao pai. A babá acha que, naquela situação, o pai deveria bater no filho, embora saiba que não o fará por ser permissivo.

3. Alusão ao papel de pai

Teoricamente, é preciso ter autoridade do papel de pai para tomar uma atitude na situação em questão; no caso, bater no filho.

Para que a construção acima seja, de alguma forma, interpretada, é necessário que informações contextuais sejam ativadas. Nessa perspectiva, conforme a Teoria da Relevância (SPERBER; WILSON, 2001), a interpretação da referida elocução ocorrerá com base nas suposições mais fortemente manifestas no ambiente cognitivo do ouvinte/leitor, as quais são também mais fortemente manifestas no ambiente cognitivo do falante/escritor, configurando um ambiente cognitivo mútuo, em que as mesmas suposições são manifestas pelos dois participantes do ato comunicativo.

Isso significa que a interpretação desse enunciado depende das representações mentais que são ativadas pelos interlocutores no momento da comunicação. Tais representações mentais são o produto das experiências (perceptivas – visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas –, intelectuais, sociais, culturais etc.) do indivíduo, as quais são articuladas em um processo dedutivo-inferencial – inerente ao ser humano –, que originará as suposições mais relevantes para a interpretação do que é comunicado (SPERBER; WILSON, 2001).

Assim, para que interpretações sejam possíveis, é preciso, além de um código partilhado, que deverá ser decodificado, a realização de inferências. A comunicação só é possível porque aquele que comunica tem e demonstra a intenção de fazê-lo, ao passo que, o que interpreta presume tal intenção, de modo a procurar, entre as interpretações resultantes, a mais relevante. Tal relevância diz respeito à modificação do ambiente cognitivo do receptor por meio do que é comunicado, ou seja, a produção de efeitos contextuais. Já o grau de relevância refere-se à relação entre o esforço de processamento requerido e a magnitude dos efeitos cognitivos gerados. (SPERBER; WILSON, 2001).

A TR tem como alicerce o conceito de relevância, que, por sua vez, possui dois princípios gerais: o Princípio Cognitivo, segundo o qual a cognição humana tende a dirigir-se para a maximização da relevância; e o Princípio Comunicativo, que postula o fato de que as elocuições geram expectativas de relevância. Trata-se de pressupostos que levam a um princípio universal minimalista – o da relevância – para a comunicação, que, de acordo com seus formuladores, é responsável pelo processamento de enunciados.

A relevância é, na TR, concebida como uma propriedade de entrada de dados (elocuições, pensamentos, memórias, ações, sons etc.) em direção aos processos cognitivos. As elocuições codificam representações do mundo real – que, em certa medida, são partilhadas –, tendo como função não apenas informar pensamentos, mas também evidenciar atitudes do locutor. Disso resulta que se comunicar não significa necessariamente transmitir informação, antes, implica comunicar a intenção de comunicar, ideia pautada nas hipóteses de existência da intenção comunicativa – decisão de estabelecimento de contato com outros seres humanos – e da intenção informativa – decisão de transmissão de uma determinada informação. Para uma entrada de dados (uma elocução, por exemplo) ser relevante, é necessário que ela valha a pena ser processada, o que, por sua vez, depende do esforço de processamento requerido e do efeito cognitivo gerado. Ao ser processada dentro de um contexto de suposições disponíveis (representações de mundo), uma entrada de dados pode resultar em algum efeito cognitivo por meio da modificação ou reorganização dessas suposições. Em igualdade de condições, quanto maiores forem os efeitos cognitivos conseguidos pelo processamento de uma entrada de dados, maior será sua relevância. Do mesmo modo, quanto menor for o esforço de processamento requerido, maior será a relevância.

De acordo com a perspectiva em foco, o efeito cognitivo, também denominado de efeito contextual, é o resultado do processo de contextualização, que envolve a união de uma informação prévia com uma informação nova, do que advém a possibilidade de melhoria ou modificação do contexto cognitivo, que abrange não só o meio em que determinada comunicação é efetivada, mas também crenças, expectativas acerca do futuro, memórias, pressuposições etc. Um estímulo comunicacional terá relevância ótima quando for mais relevante que outros em certo momento e quando propiciar o maior contingente possível de efeitos cognitivos

positivos, ou seja, o estímulo deve se conectar com alguma informação prévia de forma a haver conclusões significativas passíveis de alterar a representação de mundo do interlocutor, com o menor custo cognitivo. Os tipos de efeitos contextuais consistem em implicação contextual (o mais forte), uma conclusão deduzida com base no *input* (informação nova) e no contexto (informação velha), fortalecimento, enfraquecimento e eliminação de suposições disponíveis.

É importante ressaltar que, para a TR, a comunicação humana é entendida como uma questão de grau, ou seja, ela depende da força da manifestabilidade (perceptibilidade, possibilidade de um fato ser inferido) das suposições no ambiente cognitivo do ouvinte. Um ambiente cognitivo consiste em um conjunto de suposições que o indivíduo é capaz de representar mentalmente e de aceitar como verdadeiro ou provavelmente verdadeiro. Trata-se do conjunto de suposições que o falante tem disponível e ao qual recorre ao processar informações. Já uma suposição diz respeito ao pensamento tratado pelo indivíduo como representação do mundo real. Enquanto as suposições recuperadas da memória possuem certo grau de força, as formadas a partir do processo de completagem de esquemas de suposições possuem uma plausibilidade inicial da qual dependerá seu processamento ao mesmo tempo em que suas forças subseqüentes dependerão dos próximos históricos de processamento.

A TR assente que a compreensão verbal parte da recuperação, pelo interlocutor, do sentido linguístico originado por uma elocução, que necessita ser enriquecida contextualmente para ser interpretada em acordo com o sentido pretendido pelo locutor. Levando em conta a frequente possibilidade de, no processo comunicativo, haver elipses, ambigüidades, ironias, metáforas, entre outras configurações dependentes de fatores extralingüísticos, construções que requerem um conjunto de suposições formuladas pelo interlocutor, os formuladores da TR sugerem a existência de um procedimento de compreensão em que o interlocutor deve: i) seguir um caminho que demande menor esforço para processar os efeitos cognitivos ao testar hipóteses interpretativas, por meio da resolução de ambigüidades, problemas de referência, implicaturas etc.; ii) interromper o processo inferencial em andamento quando suas expectativas de relevância forem satisfeitas ou abandonadas.

Nessa perspectiva, segundo a TR, a comunicação ocorre em virtude de o interlocutor ser capaz de inferir as intenções do locutor a partir das evidências apresentadas por este. Uma vez que informações transmitidas de maneira implícita via elocução tendem a ser mais vagas que aquelas transmitidas explicitamente, faz-se importante enfatizar que há um *continuum* no que tange à implicitude de conteúdos em uma elocução.

Tendo em vista que, segundo postula a TR, no processo de comunicação, o interlocutor deve decodificar o *input* via um percurso de esforço mínimo, preferencialmente, e ativar informações que estão armazenadas na memória para conseguir inferir o sentido intencionado pelo locutor, sujeitos acometidos por algum tipo de déficit de memória podem ter dificuldades que afetam o processamento comunicacional. Isso porque, embora tal indivíduo traga consigo os princípios cognitivo e comunicativo da relevância, a atuação mnêmica ineficiente tende a demandar maior esforço de processamento, dificultando a produção de efeitos cognitivos satisfatórios passíveis de contribuir para a formulação de inferências sobre o sentido pretendido pelo locutor em um estímulo comunicacional.

Dessa forma, uma vez que a Doença de Alzheimer é caracterizada pelo prejuízo degenerativo da memória, em todos os seus níveis – conforme já caracterizado ao longo do trabalho –, e que, especificamente na fase inicial da patologia, há, no que se refere às habilidades comunicativas, significativo acometimento de aspectos pragmáticos, a Teoria da Relevância é passível de subsidiar robustamente análises cognitivo-pragmáticas de interpretação de piadas por sujeitos diagnosticados com a DA cujo decurso está no início. Além disso, no que diz respeito essencialmente a procedimentos analíticos de textos chistosos, o emprego da TR no estudo da interpretação da piada, segundo aponta Santos (2009), se justifica em razão de tal teoria prever o processamento dedutivo inferencial como um princípio universal para a interpretação verbalizada. Conforme o autor, a aplicação da TR para o referido fim fundamenta-se em: i) os seres humanos possuírem um mecanismo cognitivo inconsciente de atribuição de sentido; ii) o sistema humano de processamento de informações ser baseado em arquétipos; e iii) o interlocutor escolher a primeira interpretação ajustável ao princípio de relevância e abandonar outras possíveis interpretações menos relevantes.

Resultados

No que se refere às características relacionadas ao gênero, faixa etária e escolaridade dos sujeitos que compõem este estudo, têm-se, respectivamente, para o grupo DA e o grupo Controle, a média etária de 68 anos e 1 mês e 68 anos e 9 meses, quanto à gênero 3 mulheres e 2 homens, 3 mulheres e 2 homens, e de escolaridade 10 e 11 anos. Como pode ser observado, variáveis que poderiam ser intervenientes foram controladas, com vistas a se ter possibilidades de, havendo diferenças entre os sujeitos, atribuí-las a propriedades outras que não escolaridade, gênero, perfil socioeconômico e escolaridade. Além disso, notado através das informações apresentadas durante as sessões, todos os sujeitos que foram pareados O.M.L. (DA) e R.H.P.L. (Controle), B.C.D.J. (DA) e A.J.C. (Controle), L.F.S. (DA) e M.P.F. (Controle). J.A.L. (DA) e P.C.R. (Controle), H.B.S. (DA) e C.S.R. (Controle) possuem dimensão familiar e atividades cotidianas parecidas. Considerando não haver, neste trabalho, espaço para descrever todos os sujeitos, seguem comentários sobre o primeiro par, cujos dados foram utilizados no Estudo Piloto.

Quanto ao desempenho dos sujeitos acerca da interpretação dos trocadilhos, de modo geral, percebe-se significativa diferença entre os sujeitos diagnosticados com a Doença de Alzheimer e os indivíduos Controle. Com vistas à apresentação e discussão dos dados coletados, para cada um dos trocadilhos, e suas respectivas interpretações, foi confeccionado um quadro de resultados que aponta os fatos significativos encontrados na amostra, seguido pelas análises alicerçadas na abordagem sociocognitiva que embasa essa pesquisa. Seguem as exposições, cuja disposição de dados consiste, para cada piada, em um episódio de um sujeito DA e outro de um indivíduo que pertence ao grupo Controle, respectivamente.

Trocadilho 1: Por que a vaca foi para o espaço? R: Para se encontrar com o vácuo.

Esse trocadilho ativa o nível fonético-morfológico, demandando do sujeito a capacidade de identificar o significado de vácuo – vazio, espaço não ocupado por coisa alguma –, relacionando espaço a vácuo, e vaca a vaco e, conseqüentemente, vácuo e vaco. Além disso, há a polissemia presente em vácuo que gera dois domínios-fonte, espaços mentais distintos, em que estão presentes dois Modelos Cognitivos Idealizados – MCI's –, sendo um referente

a local vazio, esperado e canônico, e outro a boi, os quais vão criar o espaço genérico, cuja ideia é de semelhança sonora, levando ao domínio mescla vácuo-local vazio-boi, novo esquema em que há elementos dos dois espaços-base.

De modo geral, os indivíduos que compõem o grupo Controle refizeram facilmente o percurso chistoso do trocadilho. É provável que, no ambiente cognitivo desses sujeitos, havia as suposições – baseadas em etiquetas enciclopédicas relativas a espaço como um local vazio e pautadas em etiquetas lexicais referentes à noção de que o fonema “o” pode figurar como indicador de gênero masculino –, as quais foram manifestas em seu contexto cognitivo, sendo, então, relevantes e promovendo efeitos contextuais, que foram evidenciados pela facilidade com que reconstruíram o percurso humorístico em questão.

Dos sujeitos diagnosticados com DA, por seu turno, embora tenham conseguido identificar os efeitos humorísticos do trocadilho, foi demandado maior esforço cognitivo em seu processamento, o que deve ter ocasionado menor grau de efeitos contextuais. A interlocução foi importante para que eles resgatassem o percurso chistoso, como pode ser observado no trecho abaixo:

HBS: A vaca se encontrou com o namorado dela.

Investigadora: Como você sabe disso?

HBS: Porque ela foi pro (*sic*) espaço.

Investigadora: E o que o espaço tem a ver com o namorado dela?

HBS: Ele é o vácuo.

Investigadora: Mas, o vácuo namora a vaca? É isso?

HBS: O vácuo é o boi.

Nota-se que HBS é capaz de identificar os elementos que constituem o humor do trocadilho, entretanto, tem dificuldades para relacioná-los e, prontamente, refazer o percurso humorístico do chiste, sendo os questionamentos realizados essenciais para que o sujeito chegasse a fazer, ao seu modo, a reconstituição.

A primeira suposição manifesta no contexto cognitivo de HBS é a de vácuo como vocábulo que indica o masculino de vaca, ou seja, ele atribui a vácuo à etiqueta enciclopédica de boi. É após a interlocução que o sujeito evidencia tal relação, o que pode ser observado em “Porque ela [vaca] foi pro espaço” e em “Ele [boi] é o vácuo” Nota-se, portanto, que o ambiente cognitivo de HBS necessita de maior esforço de processamento para formar

um contexto cognitivo no qual a suposição referente à relação sinonímica entre vácuo e boi seja manifesta, aspecto este que poderia ser explicado pela baixa acurácia da memória de trabalho quando da mobilização dos espaços mentais responsáveis pela formulação da suposição por último mencionada. Ademais, é importante ressaltar que, entre os chistes ora utilizados, essa é a piada para a qual os indivíduos que compõem o grupo DA exibem os melhores desempenhos interpretativos, uma vez que, alicerçados na interlocução, os cinco sujeitos foram capazes de refazer o percurso humorístico do trocadilho em questão. Intentando mostrar o desempenho satisfatório de HBS durante sua interpretação chistosa, segue a transcrição da interpretação realizada pelo sujeito controle a ele pareado quanto a características etárias, sociais, escolares e de gênero.

CSR: É que o vácuo é o boi.

Investigadora: Mas como da pra (*sic*) perceber isso?

CSR: É igual coelho e coelha.

Investigadora: Você falou que é igual, mas tem alguma diferença? Tem mais algum significado pra (*sic*) vácuo na piada?

CSR: Vácuo é o lugar que não tem ninguém, que fica no espaço. Só que daí na piada é o boi que a vaca foi encontrar no espaço.

O sujeito controle CSR não encontrou dificuldades para interpretar o trocadilho. Necessitou apenas de ser indagado sobre o significado de vácuo, para que fosse capaz de relacionar tal vocábulo a vaco (masculino de vaca). Em seu ambiente cognitivo, havia as suposições – baseadas em etiquetas enciclopédicas – relativas a vácuo tanto como palavra que indica o masculino do animal vaca, como um termo que denota um local vazio. Conforme pode ser observado em virtude da menção de coelho e coelha como sendo uma operação lexical semelhante a que ocorre na piada e em razão da identificação do duplo sentido presente em vácuo, tais suposições foram manifestas em seu contexto cognitivo, sendo, então, relevantes e promovendo efeitos contextuais, os quais puderam ser evidenciados pela facilidade com que CSR reconstruiu o percurso humorístico em questão.

Trocadilho 2: - Qual a diferença entre uma criança e um carpinteiro? - É que a criança adora uma mamadeira e o carpinteiro detesta uma má madeira.

Esse texto chistoso mobiliza o nível linguístico morfo-fonológico, uma vez que mamadeira e má madeira distinguem-se por meio da diferença acentual possível na primeira das sílabas que se repetem: má - madeira, mamadeira,

sendo tal discrepância fonológica na segmentação da cadeia sonora o fator responsável pelo efeito de humor. Essa variação prosódica ocorrida entre as duas expressões possibilita uma espécie de duplo-sentido que tem como componentes dois domínios-fonte em que estão presentes os MCI's de “[...] utensílio utilizado para a sucção infantil de líquido” e “[...] material arbóreo de procedência ruim”. Há, então, a formação de um espaço genérico que contém a projeção de preferência, o qual culminará na consequente construção de um domínio mescla respeitante à mamadeira-madeira ruim-utensílio de sucção infantil. Segue representação da ativação de tais domínios.

Os sujeitos controle interpretaram facilmente o efeito chistoso. Provavelmente são ativadas, no ambiente cognitivo e manifestas no contexto cognitivo dos sujeitos interpretantes, mais especificamente em virtude da mobilização das propriedades constituintes da etiqueta lexical morfo-fonológica, as suposições referentes à semelhança fonética entre as expressões e à discrepância semântica entre elas, percebidas em razão dos endereços enciclopédicos que os indivíduos possivelmente possuem sobre mamadeira-utensílio e mamadeira-madeira ruim. Tais suposições manifestas no contexto cognitivo de quem interpreta o trocadilho demonstram que são demandados esforços mínimos que resultam em efeitos contextuais elevados.

Os sujeitos DA, por seu turno, tiveram, de modo geral, dificuldades para identificar a construção do humor no trocadilho, necessitando de pistas dialógicas que, por conseguinte, não os levaram ao êxito, tendo em vista que eles não mantiveram percurso interpretativo condizente à trajetória chistosa que provoca o humor, mas, ficaram em uma espécie de jogo dialógico, no qual, à medida que eram capazes de formular alguma suposição – geralmente isolada, fornecia-se uma pista que os conduzia a uma nova suposição não necessariamente relacionada à anterior. Tal postura pode ser observada no trecho transcrito da sessão realizada com OML:

OML: Ah, essa eu não sei não. Que que é?

Investigadora: Ó, o car... (o sujeito interrompe)

OML: A mamadeira mama.

Investigadora: E o carpinteiro detesta uma má madeira.

OML: Ele não gosta de uma ruim madeira.

Investigadora: Isso. Ele gosta de uma madeira...

OML: Ruim.

Investigadora: Ó, ele detesta uma má madeira, então ele gosta de uma madeira...

OML: boa.

Investigadora: Muito bem.

Como pode ser observado, OML não é capaz de reconstruir, de fato, o efeito humorístico do trocadilho, conseguindo, entretanto, acompanhar sua parceira dialógica e identificar as significações dos elementos presentes no chiste

Inicialmente, não é ativada qualquer suposição em seu contexto cognitivo. Em seguida, ele passa a manipular seus conceitos, encontrando características enciclopédicas sobre a mamadeira-utensílio, o que o leva à suposição de mamadeira como um instrumento utilizado para o bebê mamar. Novamente, a partir da interação dialógica com a investigadora, é ativada, no contexto cognitivo do sujeito DA, a suposição acerca da possibilidade de significação de material arbóreo de procedência ruim concernente à madeira. Vale salientar que a dificuldade de ativação de tal suposição indica que o ambiente cognitivo de OML encontrou empecilhos durante a análise conceitual do endereço lexical referente às características morfofonológicas da expressão em foco, um complicador para a criação de um efeito de sentido e, conseqüente, relevância. Nota-se demasiado esforço cognitivo demandado na tentativa de explicitação do percurso humorístico existente, fator que, possivelmente, resulta, do déficit que OML possui, no que tange à acurácia da memória de trabalho, mecanismo cognitivamente responsável pela criação dos espaços mentais.

Uma reconstrução chistosa plausível é a que RHPL realizou, conforme é possível notar:

RHPL: É que o carpinteiro gosta de madeira boa. O som é igual, só que as palavras são diferentes.

Investigadora: Como assim, as palavras são diferentes?

RHPL: mamadeira é usado pro bebê mamar, e ma madeira é madeira ruim.

No ambiente cognitivo de RHPL é formado um contexto cognitivo em que são ativadas as suposições pautadas nas etiquetas lexicais referentes à similaridade entre os sons que constituem as expressões, o que permite ao ouvinte formular uma inferência sobre o fator que ocasiona o humor do trocadilho. É provável que uma das razões pela qual há significativas diferenças entre os indivíduos em questão (que possuem características etárias, sociais e instrucionais muito parecidas) é o esforço de processamento demandado na interpretação. Enquanto o esforço cognitivo de RHPL é quase nulo, OML é obrigado a dispor de demasiada energia psíquica, sem, contudo, alcançar a relevância esperada.

Considerações finais

Considerando que os dados bem como os resultados aqui expostos dizem respeito a uma amostra pequena – 5 sujeitos DA e 5 controles –, não é possível fazer generalizações, mas, somente refletir sobre as recorrências encontradas. Para generalizar os resultados, é necessário que a amostra, tanto de sujeitos DA quanto controles, seja significativamente aumentada e análises mais robustas confeccionadas. Entretanto, cabem algumas considerações, principalmente, sobre o papel da interlocução e os níveis linguísticos mais demandados para as tentativas interpretativas dos trocadilhos

Quando da tentativa de refazer o percurso humorístico dos trocadilhos, observou-se que todos os sujeitos que compõem o grupo Clínico – indivíduos diagnosticados com a Doença de Alzheimer em estágio inicial – apresentaram desempenho significativamente inferior aos sujeitos que formam o grupo Controle.

Ao se considerar que, de acordo com Fauconnier, (*apud* COSCARELLI, 2005), “[...] os espaços mentais são pequenos conjuntos de memória de trabalho que construímos enquanto pensamos e falamos.” (p. 291), de algum modo, conforme as discussões referentes ao desempenho dos sujeitos com DA, a ineficiência de tal mecanismo mnêmico interfere na composição do contexto cognitivo, assim como posterior ativação e manifestabilidade de suposições durante as tentativas desses indivíduos de refazer o percurso cognitivo dos chistes. De forma geral, há demasiado esforço cognitivo na busca pela ativação de suposições que, por seu turno, dependem da mobilização de espaços mentais – então prejudicados pelo déficit da memória de trabalho –, fator que leva a baixos, ou, às vezes, a nulos efeitos cognitivos e, conseqüentemente, gera baixa ou nenhuma relevância.

A interlocução desempenhou função preponderante, quando do resgate dos efeitos humorísticos pelos sujeitos diagnosticados com DA. Sem o fornecimento de pistas informacionais, completagem dialógica ou tentativa de contextualização dos eventos apresentados nos textos – por parte de sua parceira dialógica –, muito possivelmente, tais indivíduos não teriam sido capazes de direcionar seus percursos de interpretação, haja vista as dificuldades para a formação de contextos cognitivos condizentes às situações expostas nos discursos chistosos. Isso mostra que a interação

verbal pode auxiliar na minimização dos déficits de comunicação que os sujeitos acometidos pela Doença de Alzheimer em estágio inicial exibem, além de confirmar a importância do processo dialógico em quadros patológicos que incidem sobre a linguagem, em especial, os demenciais.

No que se refere aos níveis linguísticos mais envolvidos na construção humorística das piadas e o desempenho do grupo DA quanto ao reconhecimento da manipulação desses níveis, nota-se que houve identificação com relação ao nível fonético-morfológico, acionado no primeiro trocadilho. De acordo com a literatura já mencionada, há consenso sobre haver a preservação desse nível na primeira fase da doença. Contudo, embora exista a mesma concordância no que tange ao nível morfo-fonológico, os indivíduos DA participantes da presente pesquisa não perceberam e não interpretaram seu acionamento no segundo texto chistoso. Cumpre salientar que a referida discordância resulta do próprio componente pragmático envolvido nos dois trocadilhos, uma vez que a formulação de inferências é necessária à interpretação de todos os chistes. Ademais, a divisão da linguagem em níveis tem caráter muito mais operacional que real, haja vista que esses níveis linguísticos são sobrepostos e constituem uma unidade sociocognitiva.

De modo geral, conforme já apontado, notam-se diferenças representativas e significativas entre os grupos. Os sujeitos controle não demonstram dificuldades para refazer o percurso de efeito humorístico dos trocadilhos, diferentemente do que ocorre com os membros do grupo DA, que, não conseguiram interpretar um dos trocadilhos. Para que mais considerações possam ser tecidas, juntamente à ampliação da pesquisa, é importante que sejam considerados outros fatores além dos contemplados neste estudo. Não se sabe, por exemplo, em que medida a ordem de apresentação das piadas pode ter influenciado no desempenho dos sujeitos DA, tendo em vista o esforço cognitivo demandado por cada uma delas. Outro aspecto de alta relevância consiste na verificação do padrão emocional desses indivíduos, que pode exercer alguma influência sobre suas tentativas interpretativas.

A Doença de Alzheimer é um problema que transcende a saúde pública, devendo ter atenção nas diversas esferas sociais e acadêmicas. Em termos dos Estudos da Linguagem, muito pouco se estuda sobre as alterações e as preservações relacionadas à doença, sendo imprescindível

que a Linguística, em suas diferentes vertentes, se ocupe de tal objeto. Pesquisas que se interessem pelo desempenho dialógico nas trocas de turno e à atribuição de sentido nos episódios de comunicação real tendem a ser de grande valia para a compreensão do funcionamento sociocognitivo dos indivíduos acometidos pela DA. Espera-se que este trabalho figure como uma contribuição, ainda que mínima, para a abordagem da Doença de Alzheimer em seus âmbitos acadêmico e clínico.

Referências bibliográficas

BENSON, D. F.; ARDILA, A. *Aphasia. A clinical perspective*. Oxford University Press: Oxford: 1996.

COSCARELLI, C. V. Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.5. n.2. 2005. p. 291-303.

DONZELI, C. P. *A interpretação de piadas por afásicos: aspectos linguísticos e sociocognitivos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____, G. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. *Spaces, world and grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basic Books, 2002.

GUEDES, M. B. Espaços mentais, leitura e produção de resumos. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, n. 2, p. 31-48, 2000.

MANSUR, L. L.; CARTHERY, M.T.; CARAMELLI, P.; NITRINI, R. Language and cognition in Alzheimer's disease. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.18, n. 3, 2005.

MORATO, E. M. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formuladas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2008.

- POSSENTI, S. *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. Juiz de Fora, v.3, n. 1, p. 61-79, 1999.
- SANTOS, S. L. *A interpretação da piada na perspectiva da Teoria da Relevância*. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.
- SERENIKI, A.; VITAL, M. A. B. F. A doença de Alzheimer: aspectos fisiopatológicos e farmacológicos. *Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul [online]*. v.30, n.1, 2008.
- SILVA, A. S. Linguagem, cultura e cognição ou a linguística cognitiva. In: SILVA, A. S., TORRES, A. & GONÇALVES, M. (orgs.) *Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva*. v.1 Coimbra, Almedina, 2004, p.1-18.
- SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevância: comunicação e cognição*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- VANIN, A. A. A construção (criativa) do significado: processos inferenciais e blending. *Ciencias e Cognição*, v.15, n.2, p. 077-093, 2010.